

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL**

**FELIPE FERREIRA DE ALMEIDA**

**SOBRE RETRATOS E NUVENS:**  
**FOTOGRAFANDO O PROGRAMA DE TERAPIA EXPRESSIVA NO**  
**HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ANTONIO PEDRO**

Niterói, Janeiro de 2014.

FELIPE FERREIRA DE ALMEIDA

**SOBRE RETRATOS E NUVENS:  
FOTOGRAFANDO O PROGRAMA DE TERAPIA EXPRESSIVA NO  
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ANTONIO PEDRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eliany Salvatierra Machado

Niterói, Janeiro de 2014.



Universidade  
Federal  
Fluminense

Centro de Estudos Gerais  
IACS - Instituto de Arte & Comunicação Social

Departamento de Cinema & Vídeo  
Parecer de Projeto Experimental

Aluno	Felipe FERREIRA de Almeida		
Curso	Cinema e Audiovisual	Mat	20857035

Título			
Sobre retratos e Novos: fotografando o Programa de Terapia expressiva no hospital Universitário Antônio Pedro			
Banca			
Orientadora	Prof	Eliany Salvaterra Machado	
	Prof	Marina Cavalcanti Têles	
	Prof	INDIA MARA MARTINS	

Data de apresentação	
----------------------	--

Parecer
A banca destaca a sensibilidade e o cuidado com que o trabalho descreve uma experiência de extensão, sem deixar de realizar a análise crítica e reflexiva sobre o objeto. A banca recomenda a publicação pela originalidade e qualidade do texto

Nota final	Dez
------------	-----

Assinaturas da banca	

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me dado apoio desde sempre.

À Eliany, por ter me dado liberdade e apoio.

À Mayara, por ser minha amiga desde o início da faculdade.

À Denise Vianna, Anna Alice Mendes e Ingrid Lemos, por terem me aceitado nesse projeto maravilhoso.

A todos os bolsistas, voluntários e pessoas que fizeram ou fazem parte da Terapia Expressiva, por todo o amor e dedicação.

Aos funcionários do Antonio Pedro, por cuidarem das pessoas mesmo com todas as dificuldades.

A todos os pacientes e seus familiares, por terem me mostrado que sempre vale a pena lutar.

A todos os meus amigos, por serem meus amigos.

## RESUMO

Este trabalho pretende expor e investigar questões que envolvem o ato fotográfico a partir da experiência do próprio autor na documentação do Programa de Terapia Expressiva, que ocorre no setor de Oncologia do Hospital Universitário Antonio Pedro. Ele busca refletir sobre como a prática da fotografia, principalmente a feitura de retratos, é geradora de afetos e relações que se estendem para além do instante e espaço em que a fotografia é registrada. A recepção e a leitura dos retratos também é abordada levando em consideração suas múltiplas interpretações.

**Palavras-chave:** fotografia, retratos, hospital

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	6
<b>Capítulo 1 – Retratos</b>	7
1.1 O Projeto	7
1.2 Histórias e Retratos	8
1.3 A Melhor Pose	15
1.4 Apagando Retratos	18
1.5 A Foto é Para Sempre	21
<b>Capítulo 2 – Nuvens</b>	27
2.1 O Sorriso de Dona Eliza	27
2.2 Soldados e Nuvens	35
<b>Conclusão</b>	48
<b>Referências bibliográficas</b>	50

## INTRODUÇÃO

Decidi escrever este trabalho por uma necessidade de compartilhar relatos, reflexões e dúvidas que surgiam a partir da minha experiência como fotógrafo no Programa de Terapia Expressiva como veículo de Cuidado Integral no Hospital Universitário Antonio Pedro – TECI-HUAP. Acredito que esse texto possa apresentar a fotografia como uma agente criadora de conexões dos mais diversos tipos, além de fazer uma aproximação do leitor com esse projeto, que lida com a humanização dentro do ambiente hospitalar.

No primeiro capítulo apresento o que é o Programa de Terapia Expressiva e como a fotografia atua dentro dele. Mostro diferentes relatos de como os pacientes se relacionam com as imagens, desde os que sempre querem ser fotografados e compartilham seus registros nas redes sociais, até casos em que escolher não ser fotografado pode funcionar como uma forma de empoderamento daquele indivíduo. Trato também da relação com imagens de pessoas que já morreram a partir das fotografias de pacientes do hospital e de retratos do álbum de minha família.

No segundo capítulo, reúno os retratos de uma paciente e referências de diversos lugares, como trabalhos de fotojornalismo, notícias compartilhadas em redes sociais e obras de artistas contemporâneos, de forma a investigar a fragilidade de se fazer afirmações acerca do estado emocional de uma pessoa a partir da observação de seu retrato – levando-se em conta a tendência a se produzirem múltiplas interpretações acerca de uma mesma imagem.

Optei por utilizar a primeira pessoa por considerar que estou tão imerso nessa experiência que não vislumbraria outra maneira de escrever sobre ela. Não acredito que esse texto seja “a verdade absoluta” sobre essas situações, mas um ponto de vista que surge do encontro entre as referências teóricas que tive contato ao longo da faculdade com a vivência da fotografia no hospital.

## **Capítulo 1 - Retratos**

### **1.1 O Projeto**

O Programa Terapia Expressiva como veículo de Cuidado Integral no Hospital Universitário Antonio Pedro - TECI-HUAP, em funcionamento desde 2011, promove a humanização e a integralidade no cuidado em saúde. É oferecido através do programa o curso de extensão Cuidar de Si com Arte, onde Denise Vianna, idealizadora e supervisora do projeto, ministra aulas teórico-vivenciais uma vez por semana para uma turma de aproximadamente 30 profissionais da área de saúde do HUAP e de outras instituições públicas e filantrópicas.

O trabalho de campo do curso Cuidar de Si com Arte é realizado às terças e quintas-feiras pela manhã através das ações Infusão de Vida e Tempo de Espera que acontecem no Núcleo de Atenção Oncológica do HUAP (que inclui a sala de quimioterapia, pulsoterapia e a sala de espera). Bolsistas do programa, terapeutas voluntários e alunos do curso oferecem atividades de Terapia Expressiva para os pacientes que estão recebendo a medicação e também para os acompanhantes e pacientes que estão na sala de espera, muitos funcionários que estão de plantão no setor também participam das atividades.

A Terapia Expressiva é um conjunto de procedimentos que utiliza práticas diversas como pintura, desenho, escultura, colagem, música, teatro, dentro outros, buscando fins terapêuticos e promovendo a auto-estima, conexão com a fé e a criatividade, que em geral são abaladas perante enfermidades graves. No trabalho desenvolvido é colhido um pequeno questionário sobre as condições físicas e psíquicas do paciente antes e depois de participarem da Terapia Expressiva. As atividades incluem a contação de uma história seguida por uma indução (onde os participantes são levados refletir sobre alguns aspectos da história levando em consideração a sua própria vida), depois são entregues os materiais para que o paciente possa fazer a sua expressão. Ao final do processo, é realizada uma partilha onde cada paciente é ouvido individualmente por um terapeuta. Todos os trabalhos produzidos são documentados fotograficamente.



## 1.2 Histórias e Retratos

Quando comecei a trabalhar no Programa de Terapia Expressiva, em abril de 2012, não imaginava a importância que fotografar aquelas pessoas e os objetos feitos por elas pudesse ter dentro do ambiente do hospital. Antes da minha entrada no projeto, a documentação fotográfica do trabalho era realizada pelos próprios terapeutas, com câmeras compactas e celulares. Uma das coisas que chamou atenção da equipe foi o crescente número de pessoas que queriam ser fotografadas. Atribuiu-se isso ao fato de ter um membro da equipe exclusivamente na função de fotografar- os pacientes são avisados, no início da sessão, que um fotógrafo documentará os trabalhos produzidos por eles e que, se desejarem, serão feitos também retratos deles. Além da própria câmera fotográfica (Canon 60D) despertar interesse nos pacientes por ser um modelo robusto e com muitos recursos- muitas vezes eles perguntam “Essa câmera é profissional, né?”.

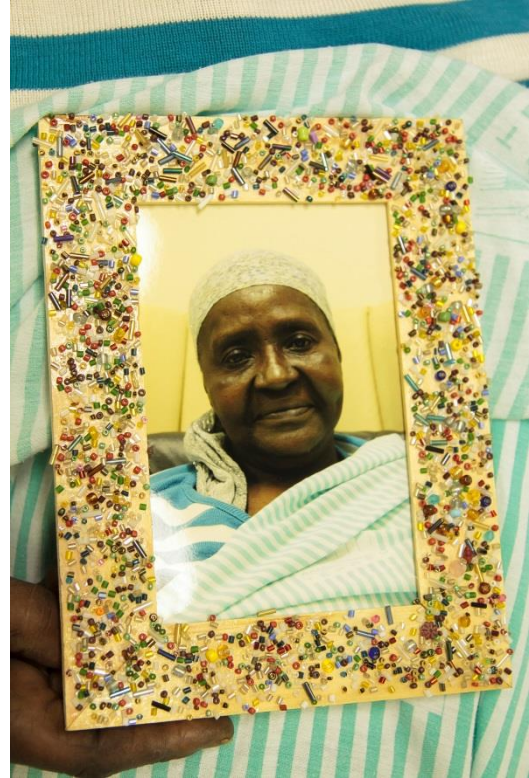
Desde o início desse trabalho, um momento que considero sempre muito especial e quase “mágico” é quando mostro para o paciente a fotografia do objeto que ele acabou de fazer. Sempre tento imaginar o que se passa na cabeça da pessoa naqueles segundos de silêncio em que ela observa a imagem no visor da câmera. É incrível o quanto a foto traz uma nova perspectiva sobre aquele objeto que a própria pessoa produziu, quase como se ele se tornasse uma outra coisa após ser fotografado. É muito comum que eles comentem comigo algo como “Até que olhando aqui ficou muito bonito”. No livro “Sobre Fotografia”, Susan Sontag diz:

“Fotografar é atribuir importância. Provavelmente não existe tema que não possa ser embelezado; além disso, não há como suprimir a tendência, inerente a todas as fotos, de conferir valor a seus temas.” (SONTAG, 1977, p. 41)

Após fotografar o objeto, entrego ao paciente um papel contendo o endereço do site do projeto (onde são publicadas as fotos das ações do programa de Terapia Expressiva) e pergunto se ele gostaria de ser fotografado. Caso o retrato seja feito, é preenchida também uma autorização de uso de imagem e o nome do retratado é adicionado em uma lista que contém o nome de todas as pessoas fotografadas desde o início do programa.

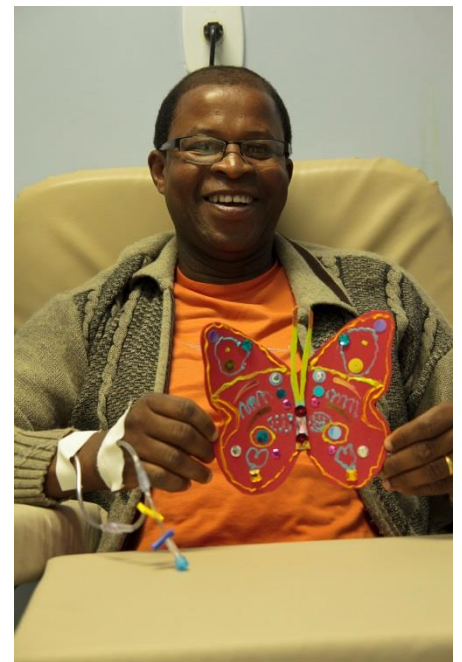
A princípio, eu pensava que pouquíssimas pessoas iriam querer ser fotografadas, porém fui surpreendido não só pela quantidade, mas também pela satisfação que as pessoas expressam ao terem suas imagens registradas. Uma atividade da Terapia Expressiva que teve um grande índice de adesão (todos os pacientes presentes quiseram participar, além de alguns

enfermeiros e acompanhantes na sala de espera) envolvia justamente a montagem de um porta-retratos. A moldura era entregue ao paciente, que poderia ornamentá-la com os materiais disponíveis e um retrato dele era feito e impresso na hora para ser colocado na moldura. Abaixo estão os retratos da senhora Marlene Conceição:

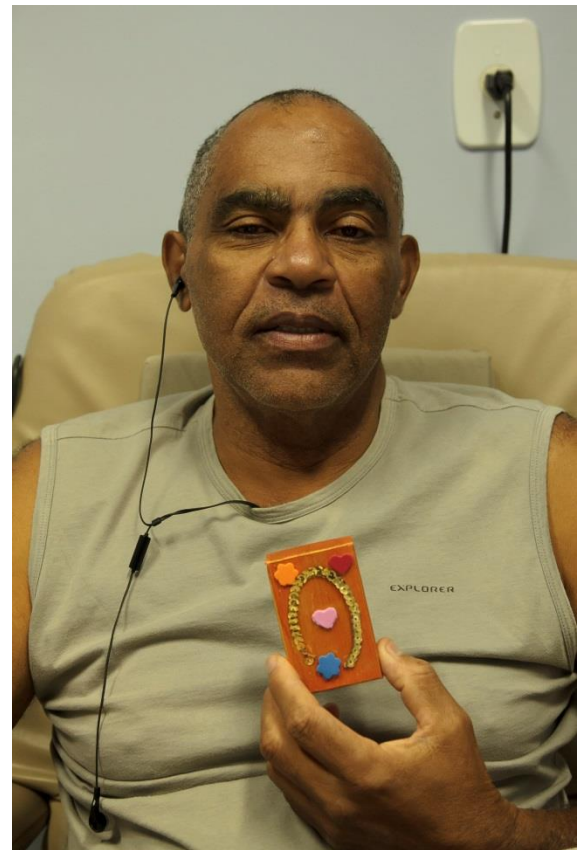


O Sr. Luis Cosme é um dos pacientes que gosta de ser fotografado todas as vezes que participa da atividade. Ele recebe a medicação no setor de pulsoterapia (que faz o tratamento de doenças auto-imunes como a esclerose múltipla, miastenia gravis, dentro outras) e foi fotografado ao longo de todo o ano de 2012 e 2013. Durante uma das atividades, ele relatou, com seu bom humor habitual, seu entusiasmo ao ser fotografado:

“Aqui é assim. O artista tem que sair na foto. É a hora que mais gosto. A hora do sorriso.”



Alguns pacientes usam os retratos como uma forma de autoavaliação. Uma senhora, certa vez, chegou o rosto bem próximo ao visor da câmera para observar seu retrato e comentou com o paciente na cadeira ao lado “Estou mais cheinha, há um tempo atrás tava com a bochecha murchinha, murchinha”. Muitas vezes as pessoas se arrumam (algumas mulheres passam batom e outros itens de maquiagem) e pedem, em tom de brincadeira, para eu “fazer um photoshop” na imagem antes de enviá-la para o site. Também não é raro que eu fotografe várias vezes o paciente até que ele fique satisfeito com o retrato, como no caso das imagens abaixo, onde o senhor José Cláudio preferiu ser retratado sem os óculos e a boina.



Fui percebendo, ao longo do tempo, que fotografar essas pessoas não era um ato isolado ou um simples registro, mas uma forma de participar ativamente daquele ambiente e de criar conexões que se estendiam para além daquele momento. Uma paciente chamada Elza me contou que enviou o endereço do site do projeto para sua filha (que mora em São Paulo), para que ela pudesse acompanhar o seu tratamento no hospital através das fotos.

Jobert, um rapaz de 19 anos que fazia tratamento de quimioterapia em 2012, compartilhou umas das fotos que fiz dele no seu perfil na rede social *facebook*. É interessante notar como uma imagem produzida em um contexto específico pode reverberar em outros lugares e ter

novos usos. Ao mesmo tempo que a fotografia faz parte da documentação do trabalho ela também pode ser um veículo que sirva para a expressão do próprio paciente.



**Jobe Maia**

June 12, 2012

ae amigo. adorei esta foto!

Like · Comment · Share

4 people like this.



**Claudio Luis** haha só uma pergunta, quem cortou msm ?

July 18, 2012 at 10:24pm · Like



**Claudio Luis** haushsuhs

July 18, 2012 at 10:24pm · Like



**Jobe Maia** mano CL .

July 18, 2012 at 10:25pm · Like



**Claudio Luis** ; )

July 18, 2012 at 10:26pm · Like



**Raphael Silva** kkkk

December 24, 2012 at 1:05am · Like



Write a comment...



Outro caso de uso das fotografias do projeto nas redes sociais foi a filha de uma paciente que criou um álbum no *facebook* em apoio a sua mãe que fazia a quimioterapia no Hospital Antonio Pedro.

f **Raquel Frechette** Q Home

### Minha mãe na quimioterapia...

Updated about 3 months ago

Minha mãe arrasando na cantoria lá na quimioterapia...  
 Estamos juntas mãe, só falta mais uma, falta pouco para  
 vencermos essa batalha....

Share

21 people like this.

View 10 more comments

**Paulo Ricardo** O Senhor sempre esteve e sempre estará no controle de tudo, meu amor!  
 O Senhor é contigo, com sua tia, e minha sogra!  
 "O Senhor é bom, um refúgio em tempos de dificuldade. Ele cuida daqueles que nele confiam". (Naum) 1:7  
 Falta pouco a vitória de vocês! 😊  
 October 5, 2013 at 11:20pm · 2

**Fagner Caldas** Serei o empresário de Figuera quando ela ganhar o Idolos!! Arrasando como sempre  
 October 6, 2013 at 12:19am · 2

**Wellington Albino da Silva** RAQUEL DEUS E FIEL  
 October 6, 2013 at 3:02pm · 2

**Alessandro Moreira** ISSO AI QUE DEUS CONTINUE A ABENÇOAR ESTAMOS JUNTOS EM ORAÇÃO !!!!!!!!!!!!!  
 October 7, 2013 at 11:07am · 2

Atendendo ao pedido dessa paciente, Christiane Baltor, realizamos também uma gravação em vídeo do seu último dia de quimioterapia. Acompanhada ao violão pelo voluntário Miguel Catete, ela cantou algumas canções e fez um emocionante agradecimento aos membros da equipe médica, da Terapia Expressiva e aos outros pacientes que estavam presentes no momento, desejando-lhes força e perseverança. Os vídeos ficaram disponíveis para visualização no canal da Terapia Expressiva no site *youtube*.



1:36 / 2:49

Analytics Gerenciador de vídeos

**Terapia Expressiva UFF - 03 (Quando a chuva passar)**

Antonio Pedro - 7 vídeos 232 visualizações

Configurações do canal 👍 1 🗨️ 0

Gostei 🗨️ Sobre Compartilhar Adicionar a 📊 🚩

**Publicado em 13/11/2013**  
 Ação do Programa de Terapia Expressiva como veículo de Cuidado Integral no Hospital Universitário Antonio Pedro -- TECI-HUAP.  
 Gravação realizada em 28/10/2013.

Mostrar mais

**TODOS OS COMENTÁRIOS (3)**

 Compartilhe suas ideias

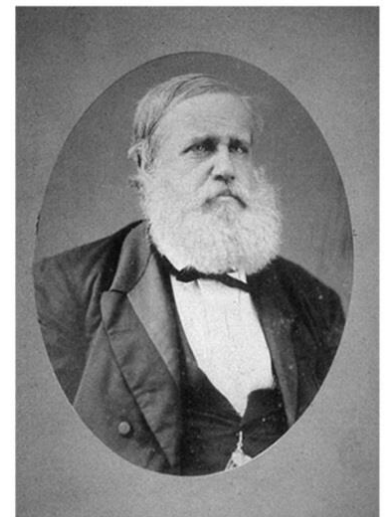
### 1.3. A Melhor Pose

O senhor Pedro trabalhou como fotógrafo durante quase 40 anos mas contou que tinha parado porque “a vista estava meio ruim”, eu não sabia se havia alguma relação com a doença (ele estava fazendo o tratamento de quimioterapia). Quando perguntei se queria que fizesse um retrato dele, ele disse que sim e ficou olhando para o lado, ao invés de encarar a câmera, achei curioso e comentei isso. Ele disse que sempre ficava nessa posição quando era fotografado e que, às vezes, em família, fingia que ia olhar para câmera, permanecendo em uma pose mais usual mas na hora da foto inclinava a cabeça para o lado. O que, quase sempre, deixava os parentes bastante irritados.

Alguns meses depois, enquanto lia o “Sobre Fotografia”, me chamou atenção o seguinte trecho:

Na retórica normal do retrato fotográfico, encarar a câmera significa solenidade, franqueza, o descerramento da essência do tema. É por isso que a frontalidade parece correta no caso de fotos de cerimônias (como casamentos, formaturas), mas menos adequada para fotos usadas para divulgar candidatos políticos. (Para os políticos, o olhar num viés de três-quartos é mais comum: um olhar que plana em vez de confrontar, sugerindo ao espectador, em lugar da relação com o presente, uma relação mais abstrata e enobrecedora com o futuro.) (SONTAG, 1977, p.50)

Recentemente encontrei o senhor Pedro novamente lá no hospital, ele foi tomar uma injeção que faz parte do tratamento, cuja aplicação é bastante rápida, mas acabou ficando mais tempo para participar do trabalho da Terapia Expressiva. Quando fui fotografá-lo, comentei sobre esse hábito de olhar enviesado e perguntei o porquê dele fazer isso: “Eu gosto, a gente fica bem assim.” E comentou novamente sobre os parentes irritados.



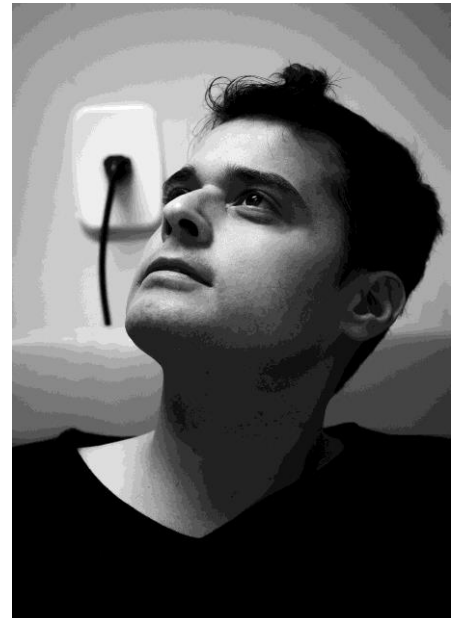
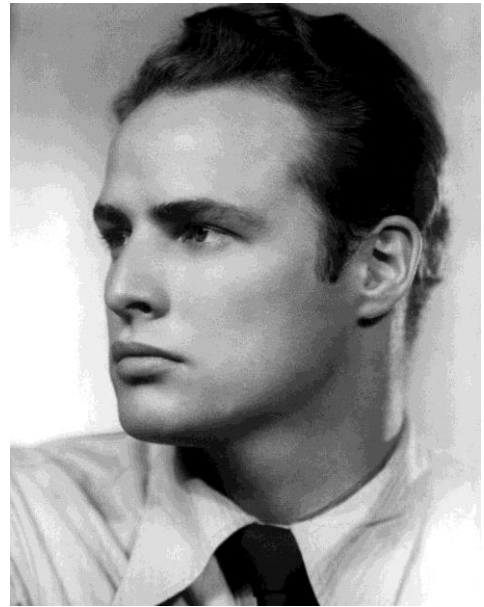




É curioso como certos padrões pictóricos historicamente construídos podem, eventualmente, aparecer em situações cotidianas. Felipe, um jovem paciente do setor de pulsoterapia, expressou o desejo de ser retratado com o que ele chamou de “cara de paisagem”, o que, naquele momento, foi motivo de graça entre os pacientes e funcionários do setor. Mais tarde, durante a reunião da equipe da Terapia Expressiva, vendo a foto de Felipe, algumas pessoas comentaram que ele “parecia uma ator de Hollywood”. Isso se deve, provavelmente, não só a ele ser bonito, mas também a sua pose, que lembra os antigos retratos de atores de Hollywood. Sobre o “posar para a câmera”, Barthes comenta:

Posando diante da objetiva (quero dizer: sabendo que estou posando, ainda que fugidamente). Sem dúvida, é metaforicamente que faço minha existência depender do fotógrafo. Mas essa dependência em vão procura ser imaginária (e do mais puro Imaginário), eu a vivo na angústia de uma filiação incerta: uma imagem – minha imagem – vai nascer: vão me fazer nascer de um indivíduo antipático ou de um “sujeito distinto”? Se eu pudesse “sair” sobre o papel como sobre uma tela clássica, dotado de um ar nobre, pensativo, inteligente etc.! (BARTHES, 1980, p. 21)

Na montagem abaixo coloquei, da esquerda para direita, os retratos dos atores Cary Grant, Marlon Brando, James Stewart, Clark Gable, Frank Sinatra e, por último, uma versão em preto e branco do retrato de Felipe.



## 1.4. Apagando Retratos

Dona Joceni havia participado das atividades da Terapia Expressiva algumas vezes e tinha sido fotografada em pelo menos duas delas. Nesse dia, a atividade era produzir um “filtro dos sonhos”, uma estrutura circular onde os pacientes podiam colar e pendurar pedras, penas e sementes. Fotografei o filtro da dona Joceni e depois fiz o seu retrato, quando mostrei as fotos, ela observou durante um tempo e disse:

“Da outra vez parecia que eu tinha cabelo.”

Comentei que poderia ser por causa do ângulo da câmera e sugeri que tentássemos refazer o retrato com um novo enquadramento. Fiz por volta de 10 fotografias variando o ângulo e a distância em relação ao seu rosto. Quando mostrei as novas fotos, notei que ela continuava com uma expressão apreensiva. Então falei que eu poderia apagar as fotos caso ela não gostasse de nenhuma e deixaria na memória da máquina apenas a foto do filtro dos sonhos. Ela se mostrou receptiva a essa ideia e, por fim, apaguei os retratos (mostrando a ela o visor da câmera enquanto apagava).

Senti um certo desconforto misturado com a sensação de “estar fazendo a coisa certa”. Talvez porque, na maioria das vezes, pensemos o papel do fotógrafo como um produtor de imagens. Me soava paradoxal que alguém que estivesse naquele local com o propósito de fazer imagens também devesse, eventualmente, apagá-las. E, mais ainda, que apagar o retrato de uma pessoa pudesse ser tão importante quanto tê-la fotografado. No caso de dona Joceni, a imagem inexistente ou, especificamente, a imagem voluntariamente apagada era a melhor imagem para aquele momento.

Essa situação ocorreu algumas outras vezes. Em uma delas, uma paciente da quimioterapia havia participado pela primeira vez de uma atividade da Terapia Expressiva. Quando sugeri fazer o seu retrato, ela pareceu indecisa. Então disse:

“ Eu fotografo. Se você não gostar, eu posso apagar.”

Fiz a foto. Ela olhou no visor:

“É...acho que prefiro que apague. Pode ser?”

Uma das bases mais importantes do processo da Terapia Expressiva é justamente a oportunidade do indivíduo dizer “não”, dele poder escolher o que gostaria ou o que não

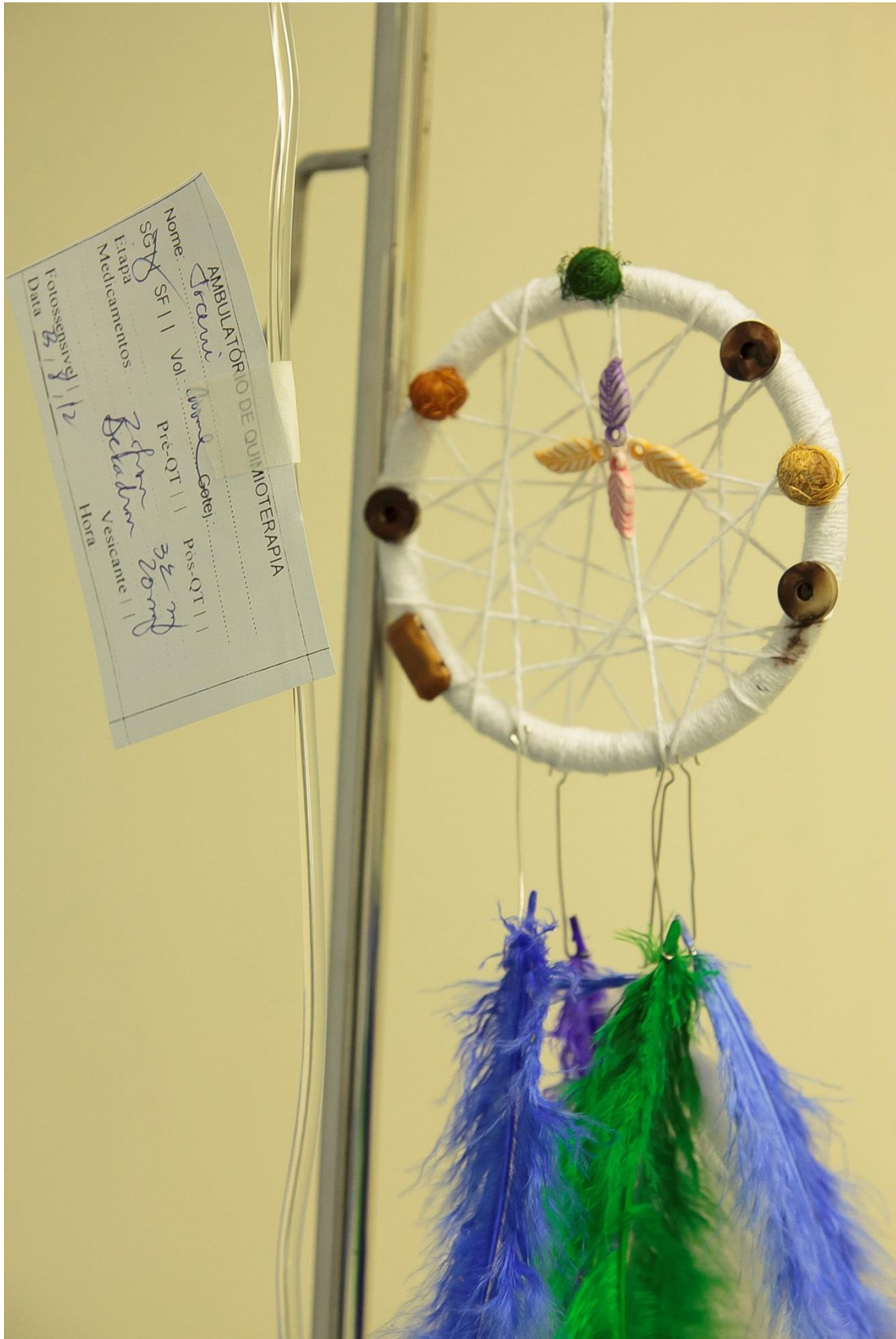
gostaria de fazer. Dentro do ambiente hospitalar, de forma geral, a paciente tem pouquíssima autonomia sobre o seu próprio corpo. Se o médico diz “Você tem tal doença e precisa fazer o tratamento X e a operação Y”, há pouco o que ele posso fazer, senão seguir as instruções.

É claro que lidar com uma eventual “rejeição” do trabalho não é uma tarefa fácil mas é uma coisa que precisa ser praticada. Nossa coordenadora, Anna Alice, sempre frisa o quão empoderador pode ser para o paciente decidir se que participar de uma atividade ou se quer fazer um retrato, especialmente em momento no qual ele pode decidir tão pouco sobre a própria vida . A equipe da Terapia Expressiva funciona como um suporte para acolher e promover essa subjetividade, focando nas possibilidades de cada um, não enquanto “um doente”, mas enquanto uma pessoa.

O pesquisador não é de modo algum um caçador de imagens, nem um trabalho científico pode se constituir de imagens “roubadas”. É verdade que a foto instantânea, como um flagrante jornalístico, é um elemento essencial do discurso fotográfico. Mas, no que concerne à pesquisa, é mais importante a documentação das ações e atitudes que se repetem - o que exige sempre a escolha do momento mais rico em significações- do que tirar fotos como um paparazzo, com risco de perturbar uma determinada situação e até mesmo comprometer toda a pesquisa. O respeito ao outro, tanto nas relações pessoais quanto nas sociais (por exemplo, no que toca aos espaços públicos e aos privados), é um dos pontos a serem observados se queremos obter bons resultados a partir de um trabalho fotográfico. (GURAN, 2002, p 105)

Outra das vezes que os pacientes não querem ser fotografados é quando sentem que não conseguiram expressar exatamente o que queriam no trabalho. Certa vez, quando perguntei a uma senhora se gostaria de fazer o retrato, ela respondeu: “Não vou querer porque podem olhar a foto e dizer ‘Coitada, tentou fazer uma estrela e não conseguiu’.”

23/08/2012, Trabalho realizado pela dona Joceni



## 1.5. A Foto é Para Sempre

Todas as fotos são um *memento mori*. Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo. (SONTAG, 1977, p.26)

Sr. Edson 09/08/2012



É curiosa a relação que podemos ter com uma fotografia. Durante algum tempo, para mim, essa era a fotografia do Sr. Edson, que usava um casaco do Flamengo quando ía fazer sua sessão de quimioterapia (o ar-condicionado da sala é potente), que tinha um cordão dourado, que era pai de uma jovem com aproximadamente a minha idade, que falava pouco e que sempre saía com um “ar irônico” nos retratos que eu fazia dele – no dia dessa foto, especificamente, lembro de ter elogiado bastante o seu trabalho (e ele agradecido), apenas para descobrir mais tarde que alguém da equipe havia feito o trabalho e dado para ele como um presente. Algum tempo depois, soube que o Sr. Edson foi para o CTI mas não resistiu.

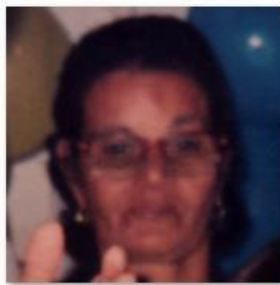
Observei essa fotografia muitas outras vezes, mas apesar de ser exatamente a mesma imagem, o sentido havia mudado. Me causava um estranhamento saber da informação “ele está morto” e, ao mesmo tempo, observar essa foto. É quase como se uma coisa contradissesse a outra. Na imagem, ele está “logo ali”, vivo, é possível observar um detalhe do cordão dourado, o final da palavra “Flamengo”, o esboço de um sorriso, e o que me chama mais atenção, seu olhar. Ele parece olhar para mim (ou para nós), nesse momento.

[...] a imobilidade da foto é como o resultado de uma confusão perversa entre dois conceitos: o Real e o Vivo: ao atestar que o objeto foi real, ela induz subrepticiamente a acreditar que ele está vivo, por causa desse logro que nos faz atribuir ao Real um valor absolutamente superior, como que eterno; mas ao deportar esse real para o passado (“isso foi”), ela sugere que ele já está morto. Assim, mais vale dizer que o traço inimitável da Fotografia (seu noema) é que alguém viu o referente (mesmo que se trate de objetos) *em carne e osso*, ou ainda em pessoa. (BARTHES, 1980, p. 88)

Sinto como se estivesse constantemente variando entre a posição de fotógrafo/produtor e de espectador/receptor da mesma imagem em tempos diversos. Me imagino lá, fotografando o Sr. Edson que observa a câmera/me observa. E, estou aqui, observando seu olhar e, simultaneamente, sendo visto “através do tempo”.

Fotografei, durante um período, fotografias antigas do álbum de família, onde estava presente minha avó Maria. Apesar de ter convivido muitos anos com ela (morávamos no mesmo quintal), não consigo lembrar de seu rosto. Ela morreu quando eu tinha por volta de 8 anos.

Dizem que um dos motivos pelo qual nosso cérebro “apaga” a fisionomia das pessoas amadas é para que não sofram com a sua ausência, mas não lembrar também pode ser um motivo de sofrimento. Apesar de crer que o rosto dela fosse muito parecido com o que vejo nas fotografias, sou sempre lembrado de que *não me lembro*, e de que o que vejo são “apenas” fotografias.





Essas imagens de minha avó sofreram a ação do tempo, como se um véu cobrisse gradativamente cada uma delas. Em algumas, o rosto quase desapareceu. Contrariando o ditado popular que diz “a foto é para sempre”, elas estão, de certa forma, morrendo. Por muitas vezes a degradação material dessas imagens me dava a impressão de ser mais “justa” ou mais “adequada” para retratar uma pessoa que já se foi do que uma imagem digital, como a fotografia do senhor Edson, por exemplo. Imaginava que esse desgaste natural do papel fotográfico trouxesse algum tipo de poesia ou uma espécie de “luto” às fotografias, como se elas também pudessem sentir e sofrer por aqueles que estão nelas retratados. As imagens digitais, em contraponto, me traziam um certo incômodo por não se “afetar”. Enquanto nós sofremos, choramos e envelhecemos observando-as, elas, por sua vez, permanecem sempre iguais.

Durante o período de quase dois anos de trabalho no hospital foram poucas as vezes que soube de pacientes que haviam morrido. Uma das coisas que contribui para isso é que a frequência com que as pessoas recebem a medicação da quimioterapia varia muito de um paciente para o outro, alguns recebem uma vez por semana ou duas vezes por mês, outros têm ciclos de medicação mais irregulares. Dessa forma, a menos que alguém da equipe da Terapia ou da equipe médica comente sobre o estado do paciente, não tenho como saber, na maior parte das vezes, se a pessoa melhorou da doença, foi operada ou faleceu.

A primeira vez que soube da morte de um paciente foi através de uma lista com os nomes das pessoas fotografadas pelo programa da Terapia Expressiva. Eu estava consultando a lista quando um membro da equipe leu um dos nomes e comentou que o senhor (era um nome masculino) tinha morrido recentemente. Senti um estranhamento, ao mesmo tempo que lamentava a morte de uma pessoa, não sabia de quem se tratava. Apesar de ali estar o nome completo, era como se não houvesse a identificação de uma pessoa específica.

No final do ano de 2013, ocorreu o III Encontro Nacional de Terapia Expressiva, um evento que englobou palestras, teatro, música, dança e oficinas. Foi montada também uma exposição fotográfica com as fotos feitas por mim e pelo Daniel (o outro fotógrafo do programa) retratando o trabalho no hospital. Ao mesmo tempo que eu estava encantado com a criatividade e a entrega de todos os participantes do programa ao montar as atividades (o tema do evento era a Odisseia de Ulisses), estava também melancólico porque me contaram da morte de uma das pessoas retratadas na exposição, que era um menino chamado Pedro.

Pedrinho, como nós o chamávamos, tinha por volta de 12 anos e participou das atividades da Terapia Expressiva algumas vezes no ano de 2012. Ele era tímido e falava pouco (ao menos, comigo). Lembro que era (ainda mais) triste ver uma pessoa tão jovem sentada na cadeira para fazer o tratamento de quimioterapia. Alguém tinha comentado, na época, que o tipo de câncer dele não era tão agressivo e que, provavelmente, ele seria curado em breve. A menina que me avisou do falecimento dele disse que a morte não tinha sido causada pelo câncer mas também não soube explicar exatamente o que tinha acontecido.

Nesse dia, percebi em mim a mistura de sentimentos que fazer parte dessa equipe proporciona. Ao mesmo tempo que há satisfação e alegria em oferecer um pouco de apoio as pessoas em um momento tão delicado, também lidamos com muitas coisas que, de forma geral, evitamos ter contato, como o sofrimento físico e/ou psíquico e, eventualmente, a morte. É como percorrer diferentes nuances, caminhos e desdobramentos da experiência de estar vivo e de relacionar-se com o mundo, com o outro e com a vida.

**Pedrinho 10/07/2012**



Em seu famoso ensaio “A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica”, Walter Benjamin comenta:

Com a fotografia, o valor de exposição começa a empurrar para segundo plano, em todas as ordens, o valor de culto. O último contudo não cede sem resistência. Sua última trincheira é o rosto humano. Não é de modo algum um acaso, o retrato ter desempenhado um papel central nos primeiros tempos da fotografia. No culto da lembrança dedicada aos seres queridos, afastados ou mortos, o valor de culto da imagem encontra seu último refúgio. Na expressão fugidia de um rosto humano, as antigas fotografias cedem lugar à aura, uma última vez. É o que lhes proporciona essa beleza melancólica que não é possível comparar com mais nada. (BENJAMIN, 1985, p. 174)

\*\*\*

## Capítulo 2 - Nuvens

### 2.1 O Sorriso de Dona Eliza

Outro dia almocei com um colega de curso no bandeirão da universidade. Não nos víamos há um tempo e conversamos sobre banalidades. Como quase sempre acontece nas conversas entre pessoas que estão terminando a faculdade, chegamos ao tema monografia. Após explicar sobre o que eu pretendia escrever, ele perguntou:

“Você acha que dá pra ver no retrato da pessoa a diferença que a Terapia Expressiva promove no bem-estar do paciente?”

Essa é uma pergunta bastante recorrente quando falo com as pessoas sobre esse trabalho. Uma pergunta para a qual não tenho uma resposta definitiva. Um aspecto que tento abordar para pensar essa questão é que cada vez que faço um retrato, são feitos, na verdade, de 3 a 6 imagens, de 3 a 6 retratos (registrados em menos de 1 segundo) . Isso é uma precaução caso haja algum imprevisto como a minha mão tremer, a pessoa piscar, ou algo do tipo. Assim, aumento a chance de ter pelo menos uma foto boa (vale ressaltar que “boa” aqui é extremamente subjetivo, seria uma foto “em foco”, com luz suficiente e em que o retratado fique satisfeito ao ver-se no visor da câmera). Sobre a “foto boa”, Milton Guran diz:

[...] quanto à forma, a maneira de fotografar que se busca é aquela que resulta em maior eficiência na transmissão da informação em pauta. Isto porque os parâmetros normalmente utilizados para a avaliação de uma fotografia, tais como as noções de “foto artística” ou de “foto boa”, por si só bastante discutíveis neste caso não servem para uma análise da informação na fotografia. No fotojornalismo, como em qualquer outra utilização da fotografia, o que importa é a eficiência da foto em transmitir com clareza uma determinada informação. Deste modo, *foto boa é foto eficiente*. (GURAN, 2002, p.10)

No caso desse trabalho, a fotografia eficiente seria a que conjuga a informação (o que aparece nela, seu conteúdo) à experiência de sua feitura. Uma vez que eficiente ou o não-eficiente dependem de um referencial específico, de um ponto de vista, do meu ponto de vista essa experiência deve satisfazer as necessidades do paciente (de se ver registrado), as minhas (de

fazer esse registro) e as dos outros membros do programa que utilizaram, mais tarde, essas imagens para pesquisa.

Uma senhora muito simpática que participava da Terapia Expressiva com frequência, dona Elizete, tinha a peculiaridade de sorrir para a foto só depois de ouvir o som do click (o som do obturador). De forma que quando ía colocar uma foto dela na galeria de imagens do blog, sempre escolhia uma das últimas fotos da sequência, que é onde ela estava sorrindo:















Como podemos perceber, há uma grande variação na expressão facial de dona Elizete nessa sequência de fotos (registradas em menos de um segundo). A possível leitura da expressão facial em uma dessas fotos é um dado muito limitado para que se possa julgar o estado de espírito dessa pessoa. Cada uma dessas imagens é uma fração de tempo demasiado pequena dentro de um período muito maior (o dia a dia desse indivíduo) e não daria conta de abarcar a complexidade emocional pela qual ele passa.

Poderíamos fazer um pequeno exercício unindo a data, o horário e as imagens:



**Elizete. 28/12/2012. 10:47**



**Elizete. 28/12/2012. 10:47**

## 2.2 Soldados e Nuvens

Recentemente houve um grande compartilhamento na rede social *facebook* de uma notícia do site *hypesess.com.br* que tinha a seguinte chamada:

arte
decoração
design
estilo
fotografia
inovação
negócios
publicidade
viagem



*Chris MacGregor - 24 anos*

### **Fotógrafa faz retratos de soldados antes, durante e depois da guerra**

Recomendar 9,7 mil
 Tweetar 195
 8+1
 36

guerra > série

por Jaque Barbosa  
[@jaksbarbosa](#)

A fotógrafa [Lalage Snow](#), que hoje mora em Kabul, no Afeganistão, embarcou numa jornada de 8 meses para desenvolver o projeto chamado [We Are Not Dead](#) no qual ela retrata soldados americanos antes, durante e depois de suas participações na guerra do Afeganistão. Ela retrata as expressões inocentes e sofridas desses homens (e alguns deles, ainda meninos) que não tiveram opção senão se transformar em heróis, e registra as mudanças em suas expressões depois de aproximadamente um ano.

Em seguida, vemos a sequência de imagens desses soldados:

*Sean Tennant - 29 anos*



*Ben Frater - 21 anos*



*Steven Gibson - 29 anos*



*Struan Cunningham - 24 anos*



*Fraiser Pairman - 21 anos*



*Martyn Ranklin - 23 anos*



*Adam Petzsch - 25 anos*



*Jo Yavala - 28 anos*



*David McLean - 27 anos*



*Sean Patterson - 19 anos*



*Steven Anderson - 31 anos*



*Alexander McBroom - 24 anos*





Abaixo dos retratos, estão os comentários dos leitores do site:

João Paulo C. Santos ·  Quem mais comentou · Designer e Personal Coffee na empresa American Desire


E as feições e o olhar de sofrimento, ódio, tristeza e abatimento que a guerra faz ninguém vê né!

Responder ·  48 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 08:15 



Ray Caldas · Video Editor na empresa Tycoon


Achei que algumas pessoas pareceram mais tristonhas depois da guerra. Acho que os reflexos vieram depois

Responder ·  23 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 08:31



João Paulo C. Santos ·  Quem mais comentou · Designer e Personal Coffee na empresa American Desire


O que eu percebi é que depois da guerra o olhar tá mais duro, e muitas vezes sem vida!

Responder ·  73 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 08:39





Camylle Lucena · UFPE

Eles têm o olhar mais vazio...É como se os olhos contassem tudo o q eles viram.Eles ficaram com o rosto pesado. :/

Responder ·  17 · Curtir · 7 de dezembro de 2012 às 09:35

Samara Lirio · MONITORA INFANTIL na empresa Escola da Serra

Nem parece as mesmas pessoas e como as pupilas estão mais dilatadas oO

Responder ·  22 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 05:20 




Max Weber ·  Quem mais comentou · Instrutor de Informática na empresa Instituto Centec


reparei nas pupilas tbm.. :'

Responder ·  8 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 06:04



Lucas Fernandes Aguiar ·  Quem mais comentou · Universidade Federal de Goiás

creio que seja por causa da luminosidade...

Responder ·  36 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 06:19



Gustavo Freitas de Campos ·  Quem mais comentou · Diretor Comercial na empresa V3 Soluções em Design



Doidera, durante a guerra as pupilas estão em todos bem pequenas. Porque será?

Responder · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 09:04

Ver mais 5 -

Luciano Coelho · Porto Alegre


Mas saiu meio frustrada eu acho com seu projeto, a fotógrafa... não mudam quase nada e tem alguns que na guerra ou depois só melhoraram, mais em forma etc... acredito que teriam rostos mais mudados pra fotografar, errou na população escolhida....

Responder ·  16 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 08:28 



Mara Oliveira

Erro na guerra escolhida.. guerra de verdade acontece em Israel, por exemplo... faixa de Gaza.. ou outras guerras. Guerra do Afeganistão? Fala sério!


Responder ·  4 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 08:36



Marcelo Ledesma Quiroga · Trabalha na empresa Cyrela Goldsstein

Desculpe discordar Mara, mas guerra é guerra e imprensa Ocidental não diz isso nos noticiários mas os americanos estão passando por outro Vietnã no Afeganistão.


Tanto é que o Presidente Obama já tem um plano para retirar as tropas de lá. E sempre em numa guerra não importa qual for vai estar a flor da pele o que há de pior no ser Humano.

Responder ·  16 · Curtir · 6 de dezembro de 2012 às 11:16



Cristiane Zanin · Estagiária na empresa Aché Laboratórios Farmacêuticos



A maior mudança é quanto ao olhar dos mesmos e não quanto a aparência física

Responder ·  1 · Curtir · 17 de dezembro de 2012 às 06:40

Ver mais 1 -

**Eliza Lodi Dos Santos**

Noto que a luz muda bastante, nas 3 fotos, e isso faz com que a fisionomia, pupila e muitas outras coisas mude tb. Luz é tudo numa fotografia... erro da fotógrafa! Em questão de aspecto notei uma leve envelhecida nos rostos depois da guerra, e a testa franzida de alguns. Mas mesmo que não tenhamos notado mudanças nos rostos... cada um é individual, e irá expressa de diferentes maneiras suas vivências. Valeu a experiência!


Responder -  9 - Curtir - 8 de dezembro de 2012 às 09:26 



**Alice Guedes** - Niterói

O olhar está mais pesado também.

Responder - Curtir - 13 de dezembro de 2012 às 04:09

**Lucas Nascimento** -  Quem mais comentou - Gerente Operacional na empresa Facilite Obras e Reformas

As melhores são as em combate...


Antes parecem coitados...depois fortalecidos.

Responder -  6 - Curtir - 6 de dezembro de 2012 às 09:03 



**Gustavo Meirelles** -  Quem mais comentou - Trabalha na empresa Givenchy

guerra não fortalece ninguém, só nos torna piores.

Responder -  6 - Curtir - 7 de dezembro de 2012 às 02:47



**André Venuto**

a guerra ou te destrói ou te fortalece.

Responder - Curtir - 6 de janeiro às 21:34





**Filipe Marques Freitas**

Coitados parecem depois, com semblante depressivo e derrotado. Post fail.

Responder - Curtir - 22 de setembro às 00:00

**Rafael Lenoir M. Alvarenga** - Gerente na empresa Lannes Werneck Imóveis e seguros

não vi muita diferença não! E achei que ficaram um pouco melhores depois da guerra...

Responder -  6 - Curtir - 6 de dezembro de 2012 às 08:08 





**Wagner Bezerra** - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

GUERRA É GUERRA.

Responder - Curtir - 20 de agosto às 12:27



**Mara Oliveira**

Uma idéia dessas com soldados da segunda guerra, prisioneiros do holocausto teria mais impacto e contraste com as realidades vividas... mas ainda sim achei muito bacana o trabalho dela, a julgar pelo fato de que ela foi lá fotografá-los enquanto "lutavam na guerra".. uma mulher, no Afeganistão fazendo isso, é no mínimo interessante.

Responder -  4 - Curtir - 6 de dezembro de 2012 às 08:12 

**Ray Caldas** - Video Editor na empresa Tycoon

Me pareceram mais bonitos durante a guerra.

Responder -  38 - Curtir - 6 de dezembro de 2012 às 08:09 



**Filipe Marques Freitas**

A outra gosta de homem traumatizado, heuahuahu.

Responder - Curtir - 22 de setembro às 00:04

**David Dias** - Lycée Choiseul


As pupilas dilatadas é por causa da luminosidade e o fato de parecerem "mais bonitos" é porque parecerem ser em HDR ou a maquina nao é a mesma. Mas o que é certo é que alguns emagreceram do rosto...

Responder -  19 - Curtir - 6 de dezembro de 2012 às 09:07 





**Rose Lourdes Silva** - Mãe na empresa Nina Flora

Concordo...! Detalhes sutis, como a luminosidade e a textura das fotos dá o tom dramático mesmo...!

Responder -  1 - Curtir - 10 de dezembro de 2012 às 03:49

**Gisela Pizzatto** - Associated Professor na empresa Anima Academia de Arte


Só uma correção, os soldados não são americanos, mas membros do primeiro batalhão do Royal Regiment da Escócia :) Lindo trabalho!

Responder -  5 - Curtir - 10 de dezembro de 2012 às 04:22 



**Marisa Rela** - PUC-Campinas


Impressionante a mudança no olhar de alguns desses caras...

Responder -  1 - Curtir - 10 de dezembro de 2012 às 04:52



**Teca Prado** - PUCCamp

a MUDANÇA NO OLHAR é terrível, imagine a cabeça

Responder -  2 - Curtir - 10 de dezembro de 2012 às 07:02

Apesar de terem observado exatamente as mesmas imagens (ignorando-se as eventuais diferenças nos tamanhos e regulação dos monitores), há uma peculiar diversidade de impressões nos comentários dos leitores, alguns dizem que não enxergam nenhuma mudança, outros, pelo contrário, veem uma grande mudança, não só fisicamente, mas também no olhar e, quem sabe, mentalmente. Alguns atribuem as pupilas dilatadas à “tristeza, abatimento e ódio” gerados pela guerra, já outros acreditam que a diferença venha da iluminação no ambiente, modelo de câmera ou técnica utilizada na iluminação. Alguns ponderam que, durante a guerra, os soldados pareciam mais fortalecidos e, até mesmo, mais bonitos. Outros apontam possíveis “erros técnicos” da fotógrafa, iluminação errada, câmera errada, “população” errada (sugerindo que existiriam rostos “mais mudados” para fotografar). Alguns falam que a “guerra não fortalece ninguém, só nos torna piores”, outros contrapõem que “a guerra ou te destrói ou te fortalece”, outros, ainda, arrematam “GUERRA É GUERRA”.

Às vezes tenho a impressão que observar fotografias é como observar nuvens. Há ali uma materialidade (ou uma virtualidade?) que se apresenta aos nossos olhos de maneira específica mas cuja leitura está em constante movimento, mudança. Em um momento, duas pessoas leem a mesma imagem de formas diferentes, e, no momento seguinte, a mesma pessoa lê a mesma imagem de forma distinta. Nas diversas vezes que observei as imagens dos soldados, o fluxo de pensamento variou de “nossa, eles estão realmente mudados” para “acho que não mudou tanto assim” e, mais tarde “acho que a primeira foto, em muitos casos, poderia ser trocada com terceira e eu não notaria a diferença”.

Em seu site, a fotógrafa Lalage Snow explica que o projeto “We Are The Not Dead” é uma tentativa de dar voz aos jovens soldados. As imagens são legendadas com os pensamentos e sentimentos que cada um deles relatou:

Uma série de retratos de soldados britânicos ao longo de um período de oito meses, antes, durante e depois da sua ida para o Afeganistão. Os retratos são legendados com os pensamentos e sentimentos de cada indivíduo. Eles falam de medo, de ser ferido, da perda de soldados amigos, da saudade de casa, de entusiasmo, da volta para casa e de como é a vida na linha de frente. Com o aumento das estatísticas de soldados britânicos feridos ou mortos e as ramificações políticas da presença do exército britânico no Afeganistão tornando-se cada vez mais complicada, mais e mais soldados se sentiam como se não tivessem voz, ou ao menos, como se não

fossem ouvidos. “We Are The Not Dead” é uma tentativa de dar aos bravos jovens homens e mulheres a chance de falar.<sup>1</sup>

Private Dylan Hughes, 26: Edinburgh, 11th March



I am not afraid of going out to Afghanistan. It's my job at the end of the day. But I am afraid of fucking up and someone else dying.

Chuggie, Compound 19, Nad-Ali 17th June  
After the IED.



I was stunned after the explosion. And then we were contacted by Taliban snipers. It wasn't a nice feeling. Not nice at all. It makes you think, it could have been me. It is just luck at the end of the day. Basic living is difficult. It is what I enjoy - living in the field and that, but I think even I will be at breaking point soon though.

Private Dylan Hughes: 6th October, Edinburgh.



To be honest I felt quite sorry for the wee bobbies as the women get treated like shit out there. They've got that to look forward to. ... I think we are just fighting a losing battle to be honest with you. But it's not my place to say. I don't know about the politics side of it. I came back in August my missus was having a brain. It wasn't hard to adjust being back it was just the change in tempo - coming back and doing nothing. I found myself quite agitated a bit of the time and had to keep myself busy. I was kind of like, what gives me the right to go home early just because I am having a brain?

Lance Corporal Christopher Burns, 23: 14th June, FOB Khamar:  
The day before Operation Tor Lari Pakawa



I have been here for three months now working with the ANA which is frustrating as they don't listen to us. I have already done a few tours of Iraq and Bosnia but this is definitely the most challenging - we live like scruffs here. You always think about the what ifs... I think all the time as I'm getting married in November. But on the whole I've been enjoying it.

Burnsy, 23: 18th June, Compound 19, Nad-Ali



They called for team medic - that was me. I saw a mangled leg and a mangled leg. It was the first serious casualty I have treated. We had to carry him to a stretcher - I fell over in the soft ground. All I could smell was burnt flesh and bones. I am more nervous now about being on the ground than ever before. It is real. I'm scared.

Lance Corporal Christopher Burns, 23: Edinburgh, 6th October



You can't say nothing unless you have been out there. It's hard to explain. My missus asks questions but she doesn't really understand if I give her an answer. Being out there, being in contact, she is not going to understand what a contact is. I try and tell her but you can't explain an experience to someone. And now... it's weird being back in a normal environment where you are not having to get up, living in shit for weeks on end, washing in wells, fighting. It is weird lying in a normal bed having nothing to do. But it takes time to adapt doesn't it?

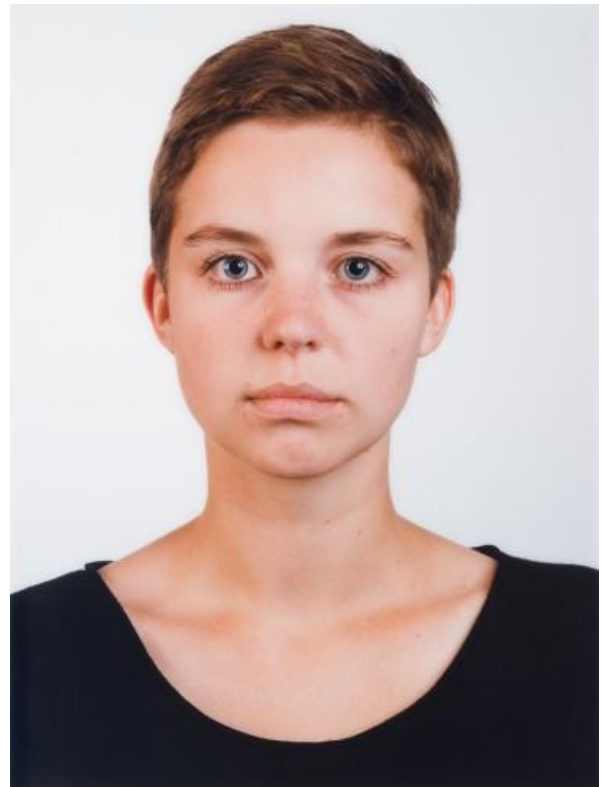
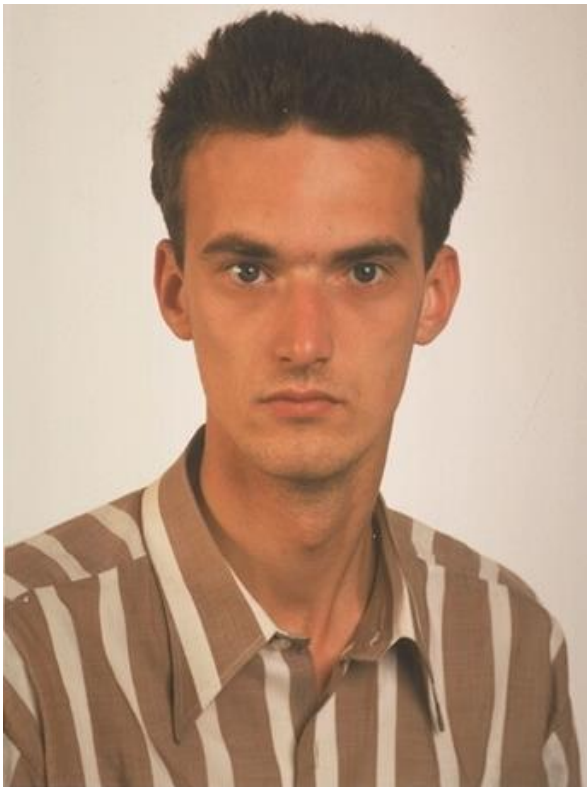
Em entrevistas, a fotógrafa ressalta que o objetivo do projeto não era, necessariamente, a imagem final, mas retratar o indivíduo e sua história. Ela destaca que foi acusada de fazer

<sup>1</sup>[tradução minha] “A series of portraits of British soldiers over a period of eight months, before, during and after their operational deployment in Afghanistan. The portraits are captioned with the thoughts and feelings of each individual. They speak of fear, being injured, losing a brother soldier, missing home, excitement, coming home, and what life is like on the frontline. As the body count of British servicemen killed or wounded rose and the political ramifications of the British army’s presence in Afghanistan became increasingly convoluted, more and more soldiers felt like they didn’t have a voice, or at least, weren’t being listened to. ‘We Are The Not Dead’ is an attempt at giving the brave young men and women the chance to speak.”

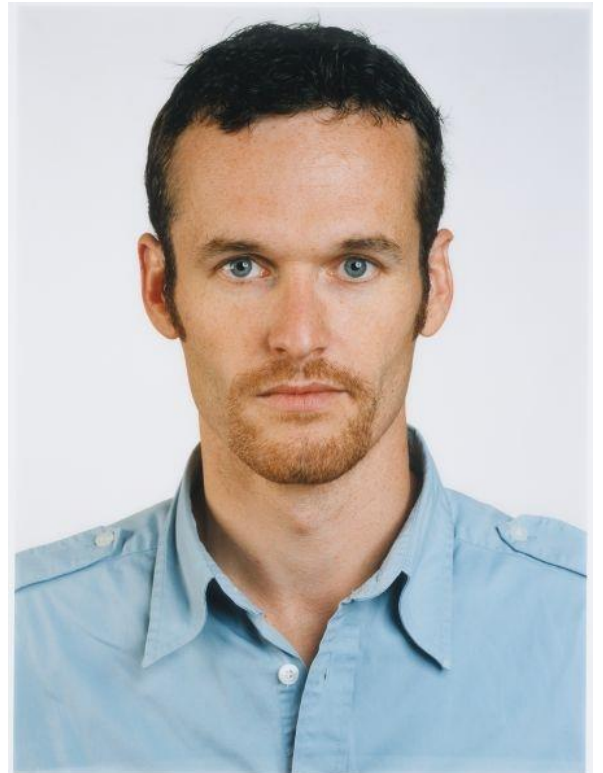
propaganda em prol da guerra ao usar uma técnica de iluminação que “deixava os soldados mais bonitos na foto realizada durante a guerra” mas esclarece que usou apenas iluminação natural e que a diferença se dá por conta da luz do próprio lugar (o primeiro e o terceiro retrato foram feitos na Escócia e o segundo no Afeganistão). Quando perguntada sobre o que espera que o público pense ao ver o projeto, ela responde:

“Eu realmente não sei. Quando me proponho a fazer um projeto permaneço bastante neutra e permito que os sujeitos falem por si. A fotografia é muito simples, ela é o que o espectador escolhe ler ou ver. Esse projeto era sobre tornar a guerra do Afeganistão pessoal, eu acho, e não apenas estatísticas.”<sup>2</sup>

Apesar de também trabalhar com retratos, o artista alemão Thomas Ruff segue em outra direção. Na série “Retratos” ele questiona a capacidade da fotografia de “capturar a essência das pessoas” e a afirma como a mera reprodução da aparência externa. Seus retratos tem um estilo bastante sóbrio, mostram pessoas entre 25 e 35 anos com uma expressão facial neutra e iluminação homogênea:



<sup>2</sup> [tradução minha]“I really don't know. When I set out to do a project I remain quite neutral and allow the subjects to speak for themselves. The photography is pretty simple so it is what the viewer chooses to read or see. This project was about making the Afghan war personal, I guess, and not just about numbers”



As fotos lembram a pose feita para um documento de identificação, como o passaporte ou a carteira de identidade, mas, curiosamente, parecem revelar muito pouco sobre a identidade dos fotografados. Quem seria essa pessoa? Qual a sua profissão? Será que ele/a está feliz ou triste? Esses retratos são apresentados em ampliações de aproximadamente 2 metros de altura, o que, segundo o Thomas Ruff, reafirma o fato do espectador estar olhando uma fotografia e não a “pessoa real”. Sobre a projeção de sentimentos que o espectador lança sobre a imagem, o artista comenta:

“Meus retratos parecem tão apolíneos porque os fotografados provêem uma superfície perfeita onde o espectador pode projetar qualquer coisa, más ou boas experiências. Eles são neutros e amigáveis, como Budas. São receptáculos que você preenche com suas expectativas e desejos.”<sup>3</sup>

Considero que os retratos feitos durante as sessões de Terapia Expressiva no hospital Antonio Pedro não sejam necessariamente “provas” de alguma coisa, mas, possibilidades. Mais importante do que o que está visível na imagem são as relações e sentimentos que geram e são gerados pela experiência na qual a imagem está envolta. Essas fotografias não são um início ou um fim mas uma fração do processo de vida de cada uma dessas pessoas.

Voltando às nuvens, há uma obra do artista Vik Muniz onde ele utiliza um avião para produzir no céu de Nova York (antes do 11 de setembro) um desenho em formato de nuvem. Em seu livro “Reflex: Vik Muniz de A a Z”, ele relata:

As nuvens, evidentemente, podem tomar qualquer forma que nossa imaginação crie, mas eu queria que aquelas metanuvens não significassem outra coisa que elas próprias. Mas, mesmo assim, as imagens convidavam a interpretações. Na primeira semana do evento, eu recebi uma linda carta de um casal nova-iorquino cujo filho – um grande apaixonado do beisebol e figura conhecida nos meios esportivos de Nova York – havia, há pouco tempo, de forma totalmente inesperada, morrido. Em sua carta o casal descrevia o momento em que um grande cortejo, formado por amigos e pessoas da família, estava a caminho do cemitério quando uma estranhíssima nuvem na forma de luva de beisebol pairou sobre os seus carros. Aqueles que a viram

---

<sup>3</sup>[tradução minha] “My portraits look so Apollonian because the sitters provide a perfect surface onto which the viewer can project anything, bad and good experiences alike. They’re neutral and friendly, like Buddhas. They’re vessels you can fill with all your wishes and desires.”

emocionaram-se e acharam que ela fosse uma última homenagem ao amigo que se fora. Nós vemos aquilo que queremos ver. Nunca pretendi dar qualquer forma à obra, mas talvez o vento tenha feito da nuvem uma luva de beisebol para que ela se tornasse significativa àquelas pessoas. (MUNIZ, 2009, p. 166)



\*\*\*



## CONCLUSÃO

O símbolo do Programa de Terapia Expressiva é o ser mítico Quíron. No blog da Terapia Expressiva podemos conhecer a sua história:

“Quíron, parte humano, parte animal, nos remete à dupla natureza dos seres humanos. Gerado da relação da ninfa Filira e do deus Cronos, que sob a forma de um cavalo tentou ocultar essa traição à sua esposa Reia, Quíron pertencia à linhagem divina. Por isso, não apresentava as características delinquentes e violentas dos outros centauros. Mestre de diversos heróis gregos, ensinou-lhes todas as artes, a filosofia e as ciências da cura.

Quíron foi ferido acidentalmente na perna por uma flecha lançada por seu discípulo Hércules, embebida no veneno da Hidra de Lerna, que provocava feridas incuráveis. Como era imortal, padeceria de dores terríveis de forma perene. Ele era agora um curador ferido.

Por ser o curandeiro que não podia curar a sua própria ferida, Quíron é o símbolo que representa a filosofia desse Programa, no qual profissionais de saúde podem perceber que, embora tratem e curem tantas pessoas, também estão feridos, e que precisam de um espaço para cuidar de si mesmos.”



Uma questão que gera muito debate sobre o trabalho dos fotógrafos é se a câmera aproximaria o fotógrafo do assunto registrado ou se ela funcionaria como um “escudo”, afastando-o do mundo. Levando em consideração a minha experiência no hospital, acredito que a câmera possa provocar as duas coisas ao mesmo tempo. Por um lado, sou “afastado” ao ter que pensar no procedimento técnico (a luz, o enquadramento, o foco, a velocidade ideal do obturador, dentre outros) e, ao mesmo tempo, me sinto *ainda mais* próximo daquela pessoa, uma vez que a experiência da fotografia possibilita conexões e comunicação não só naquele momento e espaço específicos, mas para além dali.

O símbolo do Quíron traduz, para mim, essa noção de alguém que provoca determinada coisa e é, simultaneamente, provocado por ela. “Fazer a foto” não me torna menos passível de ser afetado por ela. Uma das qualidades que mais admiro na fotografia é a sua capacidade de continuar provocando assombro ou encanto, mesmo em um mundo já tão saturado de imagens. É como se nunca estivéssemos totalmente imunes a sua mágica ou a sua ilusão. Afinal, há algo ali além de uma superfície coberta por pigmento ou uma tela repleta de pixels? Eu acho que sim, que não e que talvez.

Gostaria de terminar esse texto compartilhando um texto que li no facebook. Ele foi escrito por Livia Halfeld (bolsista de psicologia do Programa de Terapia Expressiva). Fiquei encantado quando percebi que nele está expresso grande parte do que senti todas vezes que fui ao hospital fotografar a Terapia Expressiva.

“Entre vários e vários pacientes você acaba conversando logo com aquele, aquele que mesmo com uma história de vida difícil doa um pouquinho dele pra você e te dá uma verdadeira lição de vida. Mais uma de um lugar que as pessoas que não conhecem acham que só vão encontrar dor. Para mim, um hospital deixou a muito tempo de ser um lugar de dor para se tornar um lugar de vida e de coragem, de luta.

Ele te conta o quanto a vida é difícil mesmo, como eu ainda sou nova, mas que até a idade dele eu vou passar por muita, muita coisa difícil. Mas que a gente passa por isso tudo, e a gente continua sorrindo, a gente continua vivendo, a gente continua lutando. E nisso tudo, acaba não importando o que de material a gente tem, o que a gente perde ou ganha, a única coisa que importa é quem a gente ama, quem passa e vai passar por todos esses momentos com a gente. De tudo, de tudo que acontece, é das pessoas que a gente ama que a gente sente mais falta.

Bom, eu só tenho então a agradecer por todas as palavras que ele me disse. A gente vai pro hospital tentando ajudar as pessoas, e mal sabem os pacientes o quanto eles nos ajudam, o quanto são eles que nos ajudam.”

\*\*\*

## Referências bibliográficas:

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 16.ed. Campinas: Papirus, 2011

BARBOSA, Jaqueline. *Fotógrafa faz retratos de soldados antes, durante e depois da guerra*. 2012 Disponível em <http://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografa-faz-retratos-de-soldados-antes-durante-e-depois-da-guerra/> . Acesso em 09/11/2013.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política – Obras Escolhidas 1*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLANK, Gil. *Interview Thomas Ruff*. 2004 Disponível em <http://www.gilblank.com/texts/intvws/ruffintvw.html>. Acesso 17/11/2013

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

HALFELD, Lívia. 2013 Disponível em <https://www.facebook.com/lihalfeld?fref=ts> Acesso em 21/11/2013.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

*More Portraits of Soldiers Before, During, and After War + Interview*. 2013 Disponível em <http://www.mymodernmet.com/profiles/blogs/lalage-snow-we-are-the-not-dead-interview>. Acesso em 17/11/2013.

MUNIZ, Vik. *Reflex: Vik Muniz de A a Z*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

*Quiron, o ícone do curador ferido* 2013 Disponível em <http://terapiaexpressivauff.blogspot.com.br/p/historia.html> Acesso em 03/12/2013

SALOMÃO, Graziela. *"Não esperava que as mudanças físicas nos soldados seriam tão fortes", diz Lalage Snow, fotógrafa de guerra.* 2013 Disponível em <http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2013/08/nao-esperava-que-mudancas-fisicas-nos-soldados-seriam-tao-fortes-diz-lalage-snow-fotografa-de-guerra.html> Acesso 15/11/2013.

SNOW, Lalage. *We are the not dead.* 2012. Disponível em <http://lalagesnow.com>. Acesso 15/11/2013

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia.* Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_ *Diante da dor dos outros.* Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.